



IMIGRAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO EM CABO VERDE: ATTUDES E REPRESENTAÇÕES RECÍPROCAS

Clementina Baptista de Jesus Furtado

Uni-CV/ULB

clementina.furtado@docente.unicv.edu.cv

Introdução

A emigração é um marco na sociedade cabo-verdiana. A história do país está impreterivelmente ligada à dinâmica emigratória. Entretanto, a partir da década de 90, Cabo Verde passou a ser destino preferencial de pessoas de diversas nacionalidades, principalmente da CEDEAO (Comunidade do Estados da África Ocidental), na sequência da entrada em vigor do *Protocolo da Livre Circulação de Pessoas e do Direito de Residência e de Estabelecimento dos nacionais da comunidade, assinado em Dakar em 25/05/1079 e ratificado por Cabo Verde em 1982, pela Lei n.º18/III/82*¹, que facilita a mobilidade na região. Assim, o país passa a enfrentar uma dupla realidade: é simultaneamente um estado de emigração e imigração.

Apesar de sempre receber estrangeiros, as características e os objectivos nem sempre foram os mesmos. Eram pessoas altamente qualificadas e vinham por vias diplomáticas, cooperação e/ou investimentos, não se competindo com os nacionais no mercado de trabalho. Esta situação veio a alterar-se com a entrada e a livre circulação dos cidadãos da CEDEAO no país: o número dos imigrantes nos últimos anos aumentou significativamente. As razões são diversas e enquadram-se no contexto das migrações internacionais, com características comparáveis às outras correntes migratórias actuais. Para explicar este movimento começemos com a teoria de Ravenstein de 1885, o *push-*

¹ Protocolo A/A1/5/79 publicado em 7/06/1982, Lei n.º18/III/82. (B.O. n.º18,4e Suplemento). O prazo da implementação da fase II (Direito de Residência) expirava no dia 4 de Junho de 1990. A partir daí passava-se à fase III (Direito de Estabelecimento) (CEDEAO, Definições-Suplementar-A-SP2-5-90.pdf).



*pull model*². Esta teoria tem mais sentido se a explicarmos em sentido inverso, ou seja, repulsão-atracção (origem-destino). Isto é, são sobretudo os factores repulsivos que forçam essas pessoas a migrar em busca de melhores condições de vida. Na origem são confrontadas por conflitos armados que geram uma grande instabilidade sociopolítica regional, guerra e guerrilhas e as elevadas taxas de desemprego. Assim, buscam atingir outros destinos, neste caso, Cabo Verde, devido aos factores atractivos: o país está em franco crescimento, oferece-lhes uma estabilidade económica, política e social, beneficia de uma parceria especial com a UE (União Europeia) desde 2008³ e encontra-se no nível dos países de desenvolvimento médio, com o PIB *per capita* superior a todos os Estados-membros (3400 em 2009)⁴. Também, é visto como uma via para atingir outros destinos alternativos: a Europa (sobretudo) e a América do Norte (facilitada pela sua posição geoestratégica na encruzilhada África-Europa-América).

A maioria destes migrantes não concretiza a ideia inicial de trânsito. Há um controle progressivo e acerado das barreiras dos espaços Schengen e o reforço das fronteiras nacionais, em parceria com a UE. Eles acabam por se fixar definitivamente no país, passando a ser contabilizados no número de imigrantes ilegais ou não. Assim, aumenta a população total residente. De acordo com os dados definitivos do Censo 2010⁵ a população do país é de 491.875 habitantes, com uma taxa de crescimento médio anual de 1,2% (2,4% entre 1990 e 2000). Ilhas com crescimento resultante da actividade turística e afins tiveram um crescimento médio muito elevado (valores mais elevados registaram-se na Boavista e no Sal: 7,8% e 5,5% respectivamente). Dos 491.683 residentes, 14.373 são estrangeiros (2,9% da população). Destes, 10.306 são africanos (71,7%). Os efectivos da CEDEAO são um total de 8.783 (61,1%). Quanto às nacionalidades, a Guiné-Bissau com 5.544 efectivos está em primeiro lugar (28,6%). Segue o Senegal com 1.634 (11,4%), Nigéria com 740 (5,1%), Guiné com 456 (3,2%).

² Este estatístico alemão, deu os primeiros passos na tentativa de explicar o fenómeno migratório.

³ Esta parceria estima-se, está na origem da vinda de muitas pessoas para Cabo Verde na esperança de conseguirem um visto para entrarem na Europa depois de devidamente legalizados.

⁴ Acessado em <http://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=67&c=cv&l=pt>, em 15 de Junho de 2011.

⁵ Instituto Nacional de Estatística. Apresentação dos dados definitivos do Recenseamento Geral da População e habitação (RGPH, 2010) apresentado na Praia em 30 de Março de 2011.



Como, grande parte destes imigrantes deverá fixar-se em Cabo Verde por um período considerável, isso resulta em grandes desafios a todos os níveis. Tal como acontece a nível mundial esta imigração é basicamente laboral, sendo os principais motivos os económicos (o emprego). Uma das consequências é a ocupação dos postos de trabalho pelos imigrantes, por um lado, competindo com os nacionais, por outro, fazendo aquilo que os autóctones não querem/menosprezam. Baseando-se nisso, pretende-se fazer um estudo qualitativo sobre as imagens recíprocas da imigração e mercado de trabalho em Cabo Verde. Assim, vou fazer um estudo complementar na Praia (Santiago), o principal pólo de atracção dos imigrantes e Sal-Rei (Boavista), ultimamente bastante procurada pelos imigrantes devido à crescente evolução da actividade turística e afins.

Atitudes e representações recíprocas da imigração da CEDEAO em Cabo Verde

Cabo Verde ratificou, em Junho de 2003, a *Convenção Internacional sobre a Protecção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias*. Em 2008 o novo Código Laboral entrou em vigor e, desde então, introduziu a lei segundo a qual apenas os estrangeiros em situação legal têm o direito de trabalhar. Na realidade não é isso que acontece. O país depara-se com uma situação paradoxal em relação ao mercado de emprego. Por um lado, a taxa de desemprego é ainda elevada (10,7% em 2010), por outro, verifica-se a necessidade de mão-de-obra para fazer face ao rápido crescimento que se verifica sobretudo no sector da construção civil e obras públicas e nos serviços de hotelaria e turismo. Nestes sectores existem lugares vagos deixados pelos cabo-verdianos que aspiram outros continentes e rejeitam os segmentos menos qualificados do mercado de trabalho. Essas vagas podem ser preenchidas pelos imigrantes. Deste modo, pergunta-se, **quais os factores da incorporação dos imigrantes no mercado de trabalho?; como têm sido as reacções dos cabo-verdianos perante esta imigração?; quais as percepções dos imigrantes?**

Perfil dos imigrantes da CEDEAO e sua inserção no mercado de trabalho

O mercado de trabalho em Cabo Verde tem acompanhado as tendências mundiais, em termos de necessidade de mão-de-obra pouco ou não qualificada no processo de



crescimento económico. Segundo informações disponíveis a maioria dos imigrantes da CEDEAO é desqualificada ou tem fraca qualificação laboral. Por isso, eles ocupam os sectores dos mais baixos das hierarquias sociais no mercado de trabalho e sujeitos a explorações (mercado secundário⁶), muitas vezes rejeitados pelos nacionais que insistem, ainda, na emigração, mesmo que para isso significa fazerem o mesmo tipo de trabalho. Eles são jovens e a maioria do sexo masculino, na casa dos 20 e 40 anos, e encontram-se sobretudo nos sectores de construção civil e obras públicas (grandes projectos de infra-estruturação do país: construção de estradas, aeroportos, hotéis, etc.), no comércio informal e nos serviços de hotelaria e restauração (mulheres). Também já existe uma certa proporção que efectua serviços de segurança⁷.

O trabalho é precário. Como já foi referido, eles fazem o que os nacionais recusam fazer. Segundo a teoria do mercado dual de trabalho os grupos mais vulneráveis, entre os quais os imigrantes (sobretudo os não documentados) estão inseridos no mercado secundário de trabalho, nos empregos mais instáveis e pior remunerados. Relativamente às ocupações por nacionalidade constata-se que se verifica uma certa etnização do mercado. O sector da construção civil é preenchido sobretudo pelos guineenses. Os senegaleses estão representados no comércio, (artesanato). Os nigerianos estão também no comércio (fornecimento e reparações de diversos aparelhos electrónicos). Também a maioria dos nacionais da Guiné-Conacry está no comércio. A incorporação destes imigrantes no mercado de trabalho deve-se, também, sobretudo ao crescimento da economia, que suscitou necessidades em termos de mãos-de-obra para a construção de grandes empreendimentos em algumas ilhas e as possibilidades de conseguirem amalhar algum dinheiro, para poderem transitar para a Europa (em boa parte dos casos promovidos pelas redes clandestinas devidamente organizadas).

Imigração e mercado de trabalho: atitudes e representações recíprocas

⁶ Teoria do Mercado Dual de Trabalho (Piore, 1979; Doeringer e Piore, 1971): mercado primário e mercado secundário. Como em todos os mercados da imigração, em Cabo Verde os imigrantes não estão apenas no sector secundário. Uma pequena porção encontra-se nos sectores mais qualificados (saúde, educação), principalmente os que já estão cá há bastante tempo.

⁷Segurança (guardas-nocturnos). Uma das principais razões desta imigração é expansão do emprego no sector secundário turismo (hotelaria e restauração) acompanhada da do sector de construção civil.



Para a realização deste trabalho recorreu-se a um trabalho de campo nas ilhas de Santiago (Praia) e da Boavista (Sal-Rei). Foram realizadas entrevistas (a maioria registada em áudio) e observação directa com registos de fotografias e diário de campo. Analisou-se um total de 30 entrevistas (15 imigrantes e 15 nacionais) acrescidas de outras realizadas perto das instituições como polícia, CNDHC (Comissão Nacional dos Direitos Humanos e Cidadania). Fez-se uma análise de conteúdo das entrevistas e, no fim, o cruzamento e análise das respostas.

Sendo um fenómeno recente na sociedade cabo-verdiana, a imigração foi, algo, até então estranho aos cabo-verdianos. Segundo MOSCOVICI (2003), este estranho é algo que atrai, perturba e intriga as comunidades locais, causando sentimento de medo, perda de referências habituais, do senso de continuidade e de compreensão mútua. Esta situação provoca diferentes reacções, dependendo do grau de impacto que possa ter. Vejamos o que tem acontecido no caso de Cabo Verde.

Relativamente à imigração e mercado de trabalho no país, uma das principais preocupações tem a ver com a **incorporação dos imigrantes no mercado de trabalho nacional** e o **desemprego “provocado” no seio dos nacionais**. Aqui há duas posições diferentes. Por um lado temos aqueles que os acusam de estarem a roubar-lhes emprego. Albino é trabalhador da construção civil natural de Santa Cruz, tem 50 anos e vive há cerca de 13 na Boavista; ele acusa os imigrantes de roubar o emprego aos nacionais, e culpabiliza-os por estar há 8 meses desempregado: “Quando eu vim, o trabalho era bom *sem manha!* Éramos só *badios*⁸ (...) trabalhava como subempreiteiro (...) agora trabalho é qualquer um, quando conseguir. Biscate (...) pronto, mas é quando aparecer”. Aqui está-se a falar da ilha da Boavista, onde a disputa pelo mercado de emprego ocorre especialmente entre os *badios* e os imigrantes (principalmente guineenses). Situação idêntica ocorre no Sal. Por outro lado, temos os nacionais que defendem que é graças a esta mão-de-obra que o país hoje está a ir para frente, onde ilhas como a Boavista e o Sal se deparam com muitas carências em termos de mão-de-obra (sobretudo na construção civil), seja por falta de efectivos, seja porque os nativos recusam-se a fazer

⁸ Badios é um apelido atribuído aos nativos da ilha de Santiago.



trabalhos que consideram de baixo prestígio social. Gerson, é de São Domingos (Santiago) tem 29 anos, é graduado e é director de recursos humanos numa empresa de construção civil na Boavista há 2 anos. Afirma: “ (...) Eu não acredito que se tu és um trabalhador capacitado e ele não, ele vai tomar o teu emprego. Porque muitas vezes o que acontece é que tu, capacitado, não trabalhas e eles não são capacitados e trabalham”. De facto, como em qualquer mercado de imigração, o imigrante, que veio com a intenção de melhoria das condições de vida, tende a dar o seu máximo para não estar desocupado; ele prefere fazer qualquer coisa, a ter que ficar parado. A própria crise mundial também veio alterar as dinâmicas do mercado de emprego no país, com a paralisação de muitas construções e o desemprego a muitas pessoas. Esta situação foi acompanhada da entrada massiva de migrantes (e de difícil controle), aumentando assim a oferta da mão-de-obra disponível, o que causa efeitos negativos nos salários. Se a entrada através de fronteiras aéreas, tem tido algum controle, a circulação inter-ilhas é de difícil controlo, já que é feita maioritariamente por via marítima. Vejamos o que nos diz um dos agentes da Polícia Nacional entrevistado:

(...) Os estrangeiros da costa de África entram pelo porto de Sal-Rei. Não temos controlo. Porque quando entram em Cabo Verde, entram na Praia que é o ponto que faz a ligação com a África, entram directamente para lá ou então por outras paragens que a gente não sabe porque podem entrar pela costa também. E assim não há nenhum registo de controlo.

Consequentemente aumenta o número dos desempregados e de pessoas em busca do primeiro emprego. As facilidades com que se perde o emprego são evidentes. Os imigrantes, por seu lado, acusam os nacionais de tudo fazerem para impedir a sua integração no mercado de trabalho ou então forçar o seu despedimento. “Tu és estrangeiro (...) ele não quer que tu dês bem lá dentro (...)”. Afirma Júlio, um guineense de 25 anos e a viver em Cabo Verde desde 2005 (em situação ilegal, mostra-se muito triste). Já trabalhou na construção civil mas hoje é vendedor ambulante e aspira alcançar a Europa (já esteve em Espanha num barco clandestino e foi imediatamente deportado).

Então verifica-se uma disputa pelo mercado de emprego entre os imigrantes e os nacionais, e quem sai a ganhar são os patrões que se aproveitam da situação do excesso de mão-de-obra para baixar o preço dos salários. Os trabalhadores, ou aceitam o salário que lhes é oferecido, ou então correm o risco de ficarem desempregados. O certo é que



apesar dessas acusações, mesmo sendo elevada, a taxa de desemprego diminuiu⁹. Outro exemplo, fala-se taxa de actividade por concelho, a Boavista está em primeiro lugar com 78,9%, seguido de Sal (78,0%), Maio (65,9%) e Praia (65,1%). Ou seja, pode-se dizer que, salvo algumas excepções, são sobretudo os concelhos que mais recebem imigrantes que têm a taxa mais elevada. O mesmo se passa quando se fala da taxa de ocupação geral. Boavista, Sal Maio e Praia são os quatro primeiros (74,4%, 69,6%, 60,5% e 57,7% respectivamente). Em relação à taxa de desemprego o cenário é relativamente diferente. Com valores mais elevados encontramos São Vicente e Praia (14,8% e 11,3% respectivamente). Os valores mais baixos registam-se em São salvador do Mundo (4,6%), Ribeira Brava (4,7%) e Boavista (5,7%). Com estes valores, o que se pode dizer é que esta imigração não está necessariamente ligada à taxa de desemprego.

A problemática do desemprego está directamente ligada às **condições salariais**. A grande oferta da mão-de-obra pode estar na origem da exploração dos trabalhadores pelos empregadores oportunistas, seja em termos salariais, mas também de contratos de trabalho e acesso aos benefícios de segurança social. Aqui também as opiniões divergem. Os imigrantes são acusados de fazerem baixar os salários, principalmente pelos nacionais que ocupam os mesmos sectores. Albino diz o seguinte: “ (...) a gente acerta um preço e eles acertam outro. Há dias (...), estávamos num trabalho, disseram 250\$00 cada metro, eles chegaram e aceitaram fazer o mesmo trabalho para 150\$00.” Lopes é de Santa Cruz (Santiago) e aparenta ter 40 anos. Tal como Albino, foi um dos primeiros a ir para a Boavista numa altura em que havia carência de mão-de-obra. Ele não se sente de todo ameaçado, pois, disse que sempre trabalhou, porém, considera que com a imigração deu-se uma queda dos salários e o desemprego no seio dos nacionais:

(...) há muitos que ficaram prejudicados. Muitos; bastante. Muitos ficaram sem conseguir um dia de trabalho. (...) se custa 1.000\$00 e eles disserem que cobram 400\$00, já preferem trabalhar com eles. (...). Eles preferem ganhar pouco a ter que ficar parado. Mas cabo-verdiano já não quer mesmo ficando no trabalho e ganhar pouco o dinheiro porque não dá para nada.

⁹ A taxa de desemprego (INE, dados do QUIBB: Questionário de Indicadores Básicos do Bem-estar) em 2007 foi de 21,7%. Em 2009, foram utilizados novas metodologias para calcular o seu índice, de modo que o valor caiu para 13,1%. No modelo anterior este valor seria de 20,9%.



Esta situação é observável na teoria de capital humano onde os imigrantes são acusados de se apoderarem do emprego dos nativos e de baixarem os preços dos salários e os nacionais pedem a intervenção do Estado para resolver esta situação (Albino afirma que já enviaram um abaixo-assinado ao Governo Central a pedir a sua intervenção). Os outros atribuem a culpa aos patrões escrupulosos. Afirmam que os imigrantes são explorados, pois, o salário que eles recebem está aquém do trabalho que fazem (aceitam o salário baixo, desde que tenham um rendimento fixo mensal). Adilson de 29 anos, é natural da Boavista, graduado e trabalhou durante algum tempo numa empresa de construção civil. Hoje trabalha na recepção numa instalação hoteleira e diz o seguinte:

“ (...) trabalham muito e pagam-nos pouco. (...) Exploram-nos muito, sabes? Tudo o que fazem ... têm que fazer sabes, têm medo para não perder trabalho, nisso eu posso entendê-los. Eles não escolhem preço, podem explorá-los até onde querem, como aqui, exploram-nos muito, sabes? Eles fazem trabalho que mesmo um cabo-verdiano é difícil fazer; eu não encontrava um cabo-verdiano que fizesse aqueles trabalhos. Nós os cabo-verdianos somos um bocado atrevidos, sabes? (risos).

Assim, os imigrantes são vistos como invasores e ladrões por uns e, por outros como uns coitadinhos. Esta descida nos salários consiste na lei da oferta e da procura (excesso da oferta de mão-de-obra). Os teóricos do mercado de trabalho (BORJAS, 1990) já tinham referido esta questão. Segundo esta teoria, o equilíbrio regional verificava-se quando os imigrantes se dirigiam para regiões com escassez de mão-de-obra e excesso de capital, provocando o equilíbrio salarial na origem. No caso específico de Cabo Verde, numa análise feita no ponto de vista de destino, verifica-se que o excesso de mão-de-obra vem provocando uma baixa dos salários. E não é só no sector de construção civil e hotelaria e restauração. Também no sector de vendas há reclamações. Basta ir ao Sucupira¹⁰ para ver e ouvir as vendedeiras reclamarem as dificuldades em dar saída aos produtos e a descida dos preços dos mesmos. Os imigrantes não atacam directamente os nacionais. Acusam os patrões de exploração na medida em que não cumprem com o contrato, pagando-os abaixo do valor normal do mercado. Adão é um ex-comerciante na Guiné, que teve que fugir da guerra e está em Cabo Verde há dez anos. Inicialmente trabalhava por conta de outrem mas acabou por tornar-se subempreiteiro. Afirma: “(...) trabalhei com O... durante um bom tempo e pedi-lhes

¹⁰ Centro de comércio informal



aumento (...). Eles não me aumentaram o salário e disse então, ok, como sou subempregado, vou deixar de trabalhar com eles e irei trabalhar como subempregado”.

Muitos ainda viram os seus salários retidos. José é nigeriano de 40 anos e está há cerca de 18 em Cabo Verde e é retalhista. Ele nunca teve que trabalhar por conta de outrem mas está sempre atento aos acontecimentos. Conforme diz, “ (...) vão ao trabalho nas obras, não lhes pagam, vão à polícia, polícia diz se...não tens documento. Isso é coisa que já vi várias vezes...Dizem que não tens documento, outrora... vês claro que querem dizer, tu não és daqui”. Essas situações acontecem sobretudo no mercado informal. São pessoas que, muitas vezes, não têm um contrato de trabalho, não existe fiscalização (ou é deficiente). Encontrando-se em situação irregular, a situação é ainda mais agravante. Aqui pode-se retomar, de novo, a teoria dual de mercado de trabalho, na medida em que a maioria destes imigrantes se encontra numa situação de clandestinidade¹¹; porém, mesmo os que estão legais são vulneráveis em termos salariais e contratuais, com empregos instáveis e elevada probabilidade de desemprego. Devido à elevada oferta de mão-de-obra, esta situação é extensível aos nacionais mais vulneráveis.

A **produtividade imigrante** é também muito contestada pelos nacionais (sobretudo sobre a construção civil e obras públicas). Também aqui constata-se uma divergência de opiniões. Por um lado existem aqueles que sustentam que ela é muito baixa e chamam os imigrantes de preguiçosos:

Éramos 4 (...) pediram-nos que sentássemos aqueles 600 blocos (...) Disse ao chefe que eu não queria sentar blocos junto com eles. (...) Sentei 300, quando eram 12 horas já tinha acabado (...) sentei mais 60. (...) no dia seguinte ainda não tinham acabado de sentar aqueles 300 blocos. (Albino).

Isso até certo ponto não deixa de fazer sentido. Porque boa parte destes imigrantes assume ter entrado em contacto, pela primeira vez com este tipo de emprego depois de estar em Cabo Verde. Porém, para poderem ingressar no mercado de trabalho, eles estão dispostos a fazer qualquer tarefa. Deste modo, a própria falta de conhecimento e experiência pode justificar esta lentidão. Aqueles que defendem que os imigrantes são mais trabalhadores e, conseqüentemente mais produtivos, entendem que isso se deve à

¹¹ Existem várias estimativas sobre os imigrantes ilegais. Em 2009 o relatório do International Center of Migration Policy Development (ICMPD) estimava entre 15 e 20 mil imigrantes ilegais em Cabo Verde.



necessidade de garantir a sua permanência no trabalho e evitar despedimentos. O que também tem uma certa lógica, já que, quando uma pessoa se sente ameaçada com o desemprego, a tendência é para dar o seu máximo para deixar boas impressões:

Em termos de produção, não posso dizer que produzem mais do que todos. Isso seria errado. Mas, pelo facto de quererem segurar o seu trabalho, eles têm mais dificuldades em conseguir um próximo (...) Aí, eles dão a sua luta. (...) Mas eles trabalham, levam o seu trabalho mesmo a sério. Eu digo-te, daqueles que conheço que nos relacionamos mais de perto, eles se esforçam bastante. Este ano, há um trabalhador lá na empresa que começou como servente, neste momento estão a dar-lhe categoria de carpinteiro que lá na empresa não há... não há... carpintaria não existe. (Gerson)

Independentemente da elevada ou fraca produtividade, o que se sabe é que estes imigrantes continuam em grandes números nos sectores da construção civil, trabalhando na edificação de grandes infra-estruturas por todo o arquipélago.

Os **contratos de trabalho são simplesmente precários**. Esta precariedade laboral estende-se, muitas vezes aos nacionais que ocupam as mesmas posições, porém, acredita-se que os imigrantes são os mais afectados, sobretudo pela sua situação de ilegalidade, sujeitando-se a despedimentos cíclicos. Esta situação reflecte-se directamente nos **vínculos laborais, também precários**. De acordo com os teóricos do mercado de trabalho dual, a própria inexistência de contratos de trabalho é uma das causas de fácil despedimento, já que o trabalhador não possui nenhum vínculo legal com a entidade empregadora. Mas também existe uma outra explicação para esta situação. O problema da crise que se faz sentir a nível mundial, associado às mudanças estruturais que vêm ocorrendo, tem provocado alterações também nos contratos. As grandes empresas que inicialmente contratavam directamente os empregados, hoje fazem contratos indirectos através de empreitadas¹², não só porque a oferta de mão-de-obra é abundante mas também para reduzir os custos de produção associados à mão-de-obra (fuga aos impostos e encargos com a segurança social), aumentando assim, a margem do lucro potencial. Para os diferentes sectores da construção civil no país existem subempreiteiros que são contratados pelas grandes empresas e eles recrutam os

¹² O subempreiteiro surgiu na década de 80 devido ao processo de reestruturação empresarial com o objectivo de reduzir os custos de exploração das empresas (custos que ela tem que suportar) GÓIS (2006).



seus trabalhadores. Sendo assim, o trabalho é directo com os subempreiteiros. Tudo isso acaba por afectar a vinculação do trabalhador na segurança social, acabando, uma parte considerável por não estar enquadrada nestes serviços. Nos hotéis, a precariedade reflecte-se sobretudo nos contratos que são realizados a termo certo e de curta duração (muitas vezes de um mês). Findo este período, podem ver o contrato renovado ou não, conforme as necessidades da empresa, arriscando-se a cair no desemprego. Caso isso não aconteça, outra situação observada é eles terem que dirigir-se para sectores onde surjam novas oportunidades, causando assim uma certa instabilidade laboral (uma facilidade rotativa nos empregos grande). Vejamos uma conversa com um grupo de guineenses (um deles tinha acabado de receber a carta de despedimento, cujo contrato era de um mês renovável):

(...) Não há nacionais não há estrangeiros. Todos. (...) não dizem porquê. Mas no contrato de trabalho dizem que agora cada mês temos que assinar contrato. (...) Se tens sorte e trabalhas um mês e no segundo não te derem carta-branca, logo o chefe renova-te o contrato. Continuas...não sabes....o dia que te vão parar. Dão-te carta-branca e nem te avisam (...) **Sim porque isso foi avisado dia 10 e dia 28 já não tinha...18 dias...** lá é um lugar privado, já eles fazem o que entendem. Se houver trabalho fazem isso?

Relativamente aos subempreiteiros, constatou-se que já existe uma proporção considerável dos imigrantes com esta categoria, originando uma maior competitividade em relação aos nacionais. Assim, existe entre eles uma rede de recrutamento de pessoas da mesma origem, etnia, família ou amigos, sendo que muitos dos recém-chegados já vêm com lugares predestinados a eles, o que lhes facilita a inserção no mercado de trabalho (observável na teoria das redes sociais o capital social em rede – Góis, 2006). Tal como outros empregadores no país, é bem provável que os mais espertos explorem, também, os seus conterrâneos. Em conversa com alguns imigrantes, pôde-se constatar que entre eles existe também muitas falcatruas, como por exemplo em caso de compras de produtos no Dacar para revenda: os que se deslocam para compras atribuem ao produto sempre um valor mais elevado do que o real. De qualquer forma, eles dizem que mesmo com uns tentando ser mais espertos do que outros, o lucro é satisfatório.

Como a **segurança social** está condicionada ao vínculo laboral das pessoas e não há um vínculo directo com os grandes empregadores, **o acesso é deficiente**. Há casos de



peças que fazem o seu seguro individual mas segundo o nosso entrevistado da instituição é residual. Na opinião de Gerson, “Segurança social. Deixa muito a desejar. (...) Corro o risco de falar que é nacional (...) mesmo os nacionais passam por isso, mas no caso dos imigrantes acho que é um bocadinho pior”. Muitos trabalham convictos de estarem abrangidos pela segurança social. Como custa-lhes faltar um dia de emprego para tratar deste assunto, grande parte só tem conhecimento da sua real situação quando precisa dos benefícios pontuais. Para Manuel, um subempregado de Santiago, residente há 15 anos na Boavista, verifica-se uma certa negligência/colaboração por parte dos próprios imigrantes que muitas vezes não querem fazer descontos para a segurança social. Afirma: “sempre digo a muitos dos meus trabalhadores, pago-te os seguros...ah, o meu dinheiro não!” Ou seja, o próprio imigrante, naquela expectativa, de obter um maior rendimento líquido a curto prazo muitas vezes dispensa a realização de contratos formais com direito a descontos e benefícios da segurança social.

As **condições de trabalho são igualmente precárias**. Fala-se da precariedade principalmente a nível da segurança nos transportes e, em alguns casos, no trabalho que estes imigrantes fazem: os 3Ds (*Dirty, Dangerous and Demanding*: sujo perigoso e mal pago)¹³. Neste caso, as opiniões são unânimes. Segundo nos diz Adilson, “ (...) têm lá uns para cortar sacos de cimentos. Todos os dias sempre havia problemas, porque não havia nenhuma condições nem nada para proteger. (...) Cimento, ele é químico.” Já os, colegas de trabalho são peremptórios em afirmar que em tais condições, jamais trabalhariam. Outras informações dão-nos conta das más e perigosas condições de transporte que já provocaram alguns acidentes. O medo é que um dia aconteça algo de pior. São comparados a uma lata de sardinhas e sacos de arroz. Madalena é uma rabadante de Santiago e vive maritalmente com um guineense. Totalmente revoltada diz o seguinte: (...) há uns camiões aqui que trabalham e vêm tomar pessoas aqui para levá-los, eles vão como sacos de arroz. (...) vão uns em cima dos outros assim, desmaiam, e vêm para o hospital a sangrar pelo nariz, e pela boca, quase a morrer”.

¹³ Conferir OLIVEIRA, Catarina e REIS, Cláudia. 2010.



O **horário de trabalho** é também **prolongado**. Muitos destes trabalhadores saem de casa por volta das 6h da manhã e voltam às 7h da noite de segunda a sexta a ritmos de trabalho relativamente acelerados. Aos sábados regressam por volta das 5h da tarde. Só descansam aos domingos. Como o ordenado fixo é baixo, eles fazem horas extras para poderem conseguir um pouquinho mais de dinheiro quer para o seu sustento quer para as transferências mensais que efectuam. O tempo de permanência no emprego é outra situação preocupante. A **instabilidade dos postos de trabalho é grande**. Podemos encontrar imigrantes que desde que cá chegaram estiveram sempre no mesmo emprego. Porém, para boa parte o emprego é instável e tentam adaptar-se às necessidades do mercado de emprego (se é de um ferreiro que se está a precisar, eles dizem ser ferreiros, e assim por diante). De certa forma eles acabam por ganhar, pois, aprendem vários ofícios e para muitos, isso é bom (sobretudo os guineenses, que estão esperançosos que o seu país vai mudar e, assim, voltarão para dar o seu contributo). Esta é uma situação que tem provocado muitas discussões. Uns acusam-nos de forjarem profissões só para os poderem roubar emprego, algo que pode afectar a produtividade. Outros entendem que isso é uma alternativa para conseguir o emprego e sair da situação de penúria em que vivem. Os imigrantes, cientes disso defendem que isso é uma via para se conseguir ingressar no mercado de trabalho e poder garantir o sustento e o das famílias que ficaram na origem. Augusto é natural da Guiné e vive há quase 3 anos em Cabo Verde. Ele é um dos muitos que veio com a intenção de conseguir passar para a Europa: “(...) trabalhei como pedreiro quase 1 ano. Depois, saí e consegui trabalho na canalização. Trabalhei também lá um ano. Até agora sou canalizador...”. Quer dizer, ele tem que se adaptar às necessidades no mercado se quiser continuar empregado.

A **progressão do imigrante no mercado de trabalho** é algo **bastante difícil**. Há alguns casos mas são raros. De acordo com a teoria do mercado segmentado ela é difícil porque os próprios empregadores querem manter este tipo de emprego e não estão interessados em perder esta mão-de-obra já que pagam-lhes muito mal. Fala-se também de uma certa **discriminação no mercado de trabalho**, mas isso tem a ver sobretudo com a relação entre os trabalhadores. Há situações em que os nacionais recusam fazer o mesmo trabalho que os imigrante ou então recusam salários iguais, justificando que



devido ao facto de serem estrangeiros devem receber menos, mesmo que desempenhem a mesma tarefa. Isso já originou pequenos conflitos no trabalho:

(...) quando cheguei à empresa, existia uma discriminação na empresa a olhos nus. Tipo, um trabalhador chegar ao pé de ti e te dizer que ele não pode receber o mesmo salário...tipo pagas-lhe 1500 por dia. Ele diz-te que ele não pode receber 1500 porque pagas a um imigrante 1500 também. (Gerson)

Aqui verifica-se um paradoxo. Por um lado, os nacionais acusam os imigrantes de fazerem baixar o preço dos salários; por outro, querem que lhes paguem menos pelo mesmo trabalho. O que se sabe é que muitas vezes, mesmo recebendo o mesmo salário líquido, enquanto os nacionais têm direito aos benefícios de segurança social, os imigrantes, muitos na condição de ilegais, fazem descontos fantasmas que não constam na segurança social, ou seja, vão, provavelmente, para os bolsos dos patrões. Apesar destas discussões em torno da relação imigração, desemprego e baixa nos salários, quase todos reconhecem o **contributo desta imigração para o desenvolvimento do país**. Pois, se não fossem os imigrantes, juntamente com as pessoas de Santiago, muitas obras, sobretudo nas ilhas do Sal e da Boavista estariam comprometidas. Também contribuem para o crescimento do PIB através das taxas das remessas que fazem já que quase todos transferem por via bancária (Western Union)¹⁴. De certa forma também há um descontentamento geral uma vez que quase nada do que ganham fica no país. É reconhecido também o seu papel fundamental na promoção e vendas do artesanato por todo o arquipélago que de certo modo atraem os turistas mas também os nacionais, preenchendo uma grande lacuna deixada pelos nacionais:

Só para teres um exemplo, a dinâmica dos negócios artesanais aqui, ou mesmo, negócios informais: quando cheguei aqui, certos sectores não eram cobertos pelo pessoal da ilha. E até então, há alguns sectores de actividade, sobretudo pequenos negócios que são os imigrantes que os cobrem. Vais ali àquele lugar chamado Sucupira, onde vendem artesanato...Vês... o contributo da sua mão-de-obra na prestação aqui na ilha. (Gerson)

Considerações finais

¹⁴ Esta modalidade de transferência foi inicialmente adoptada apenas pela caixa Económica de Cabo Verde. Hoje é praticada por quase todos os bancos no país por constatarem os lucros que isso tem trazido. A evolução é positiva. Isso deu origem ao surgimento de novas agências concorrentes.



Cabo Verde enquadra-se nos novos destinos dos imigrantes. Estes têm, na sua maioria, baixas qualificações e estão concentrados sobretudo em sectores que requerem baixos níveis de qualificações.

Constata-se que existe uma segmentação laboral. Tudo indica que, à semelhança do que acontece com os outros imigrantes eles têm dificuldades em aceder ao mercado primário de trabalho. Com a concorrência, os autóctones ficaram mais expostos ao desemprego. Daí, alguns acusarem-lhes de estarem a roubar o emprego deles e causar uma baixa nos preços dos salários. A opinião dos nacionais sobre imigração e mercado de trabalho é divergente e depende do nível de escolaridade e do tipo de ocupação, mas também do grau de ameaça. Os imigrantes, entendem que existem nacionais que impedem a sua integração no mercado de trabalho, porém, estão cientes de que a situação de precariedade em que vivem se deve sobretudo às atitudes escrupulosas dos empregadores que se aproveitam da elevada oferta de mão-de-obra para explorar os trabalhadores.

A vinda destes imigrantes e sua incorporação no mercado de trabalho, embora tenha sido motivo de muitos descontentamentos no seio de parte dos nacionais, tem sido de grande importância para o desenvolvimento de algumas ilhas onde a falta de mão-de-obra é visível. Os empregadores aproveitam deste excesso de mão-de-obra para baixarem os salários, e exploram ao máximo os empregados. A grande preocupação que se põe agora é em relação aos imigrantes na Boavista que trabalhavam no hotel RIO TOUAREG. Residiam em casernas e agora, com a sua inauguração regressaram ao bairro da Barraca com consequências para a taxa de desemprego e outros problemas sociais. A hipótese é de que alguns regressam às suas origens, enquanto outros tentam outras alternativas no mercado nacional, seja na Boavista, seja em outras ilhas do país.

Com a criação da Unidade de Coordenação da Imigração (UCI)¹⁵, enquanto dispositivo central de coordenação e integração de políticas de integração, e a publicação da lei

¹⁵ “B.O” nº 9 da República de Cabo Verde, 28 de Fevereiro de 2011. I Série



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

sobre a imigração e uma maior fiscalização, espera-se que todos cumpram com as suas partes para que as coisas comecem a tomar um novo rumo.

Referências

ABRIC, Jean-Claude (direct.). *Pratiques sociales et Représentations*. PUF, 2001

CABO VERDE. BO I Série, N09, da República de Cabo Verde, 28 de Fevereiro de 2011. I Série

CARVALHO, Francisco. *Migração em Cabo Verde. Perfil Nacional 2009*. Praia, Cabo Verde., 2009

DA ROSA, Amante. A problemática da livre circulação de pessoas e bens e o papel de Cabo Verde na segurança da Costa Ocidental e da Fronteira Sul da União Europeia. In: ATELIER “ESTADO NAÇÃO E OS DESAFIOS DA INTEGRAÇÃO REGIONAL: O CASO DE CABO VERDE”. Praia, 2007

GÓIS, Pedro. *Emigração cabo-verdiana para (e na Europa) e a sua inserção em mercados de trabalho locais: Lisboa, Milão, Roterdão*. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - ACIME, Lisboa. 2006

INE (Instituto Nacional de Estatística). **Cabo Verde. Inquérito ao Emprego e Sector Informal (IESI) 2009**. Praia, Maio de 2010.

_____. **Actividade económica. Gabinete do Recenseamento Geral da População e Habitação (RGPH), 2010**. Resultados definitivos. Praia, 2011

_____. **Gabinete do Censo. Resultados definitivos do RGPH 2010**. Praia, 2011.

JODELET, Denise (Direct.). *Les représentations sociales*. Paris, PUF, 1994.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais. Investigação em psicologia social*. Petrópolis, Vozes, 2003.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

OLIVEIRA, Catarina e PIRES, Cláudia. *Imigração e sustentabilidade laboral*. Observatório da Imigração, ACIDI, 2010

TEIXEIRA, Augusto. O fenómeno imigratório em Cabo Verde. In: IV CONFERÊNCIA ESTATÍSTICA DA CPLP. INE. Lisboa, Portugal, 2010